



ANÁLISE DO USO DE AGROTÓXICOS NA CULTURA DE CAFÉ NO MUNICÍPIO DE GUARANÉSIA, MG, E POSSÍVEIS DANOS ECOLÓGICOS.

M.G. Teixeira & F. F. dos Santos.

Centro Universitário da Fundação Educacional de Guaxupé - Unifeg- Programa de Iniciação Científica (PIC). Depto Química. Av. Dona Floriana, 463, Centro, Guaxupé, MG.

INTRODUÇÃO

A agricultura é uma das principais atividades econômicas do Município de Guaranésia, MG, sendo a cafeicultura a que mais se destaca. A cultura do café caracteriza-se por utilizar uma grande quantidade de insumos agrícolas, entre eles, os agrotóxicos.

Visto que a contaminação do meio ambiente por agrotóxicos é agravada devida à permanência destes por muito mais tempo do que o necessário após sua ação, comprometendo a vida de várias espécies (Macedo, 2002), o presente trabalho objetivou verificar os tipos de agrotóxicos usados nas lavouras de café no Município e analisar o potencial de contaminação dos agrotóxicos usados a partir de dados teóricos como as propriedades físico-químicas e toxicológicas. Além disso, será realizada uma pesquisa junto aos produtores de café de maneira a coletar informações com relação aos cuidados entre a cultura do café e o meio ambiente.

MATERIAL E MÉTODOS

Todo trabalho de campo foi realizado no Município de Guaranésia, MG, entre os meses fevereiro e novembro de 2006. A pesquisa junto aos produtores de café, foi realizada por meio de um questionário contendo questões como: tipos de culturas, agrotóxicos empregados (inseticida, herbicidas, fungicidas e acaricidas), tempo de uso de agrotóxicos, tipo de orientação recebida pelo aplicador, conhecimento sobre a toxicidade dos agrotóxicos, se o aplicador recebe orientações sobre os equipamentos de segurança, destino das embalagens, relações do local da plantação com corpos d'água e outras informações. O grau de toxicidade dos agrotóxicos foi feito analisando o receituário.

Por meio do Relatório SIPAM (Sistema Integrado de proteção aos Mananciais)- Guaranésia- Ribeirão Santa Bárbara, feito em 1996, foram analisados os dados sobre a aplicação de agrotóxicos e o descarte

de embalagens a fim de comparar com os dados atuais referentes às respostas dadas aos questionários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O café destaca-se por apresentar uma maior área de colheita entre as culturas do município: 4400 hectares (IBGE, 2000). Há registros de plantações de café com mais de 100 anos, porém, o uso de agrotóxico só se intensificou a partir da década de 70 (*comunicação pessoal-agrônomo responsável*) com o aparecimento da ferrugem do cafeeiro (causada pelo fungo *Hemileia vastatrix*). As doenças nos cafezais relacionadas a fungos são as mais comuns na região devido a propiabilidade do clima e ao alto índice de pluviosidade (INFORMATIVO EMATER, 2000).

A alta pluviosidade além de propiciar doenças nos cafezais, também pode favorecer uma "lavagem" das plantações, poluindo as águas superficiais e subterrâneas (Macedo, 2002). Em 1996, o café já ocupava 21,1% da área da Bacia do Ribeirão Santa Bárbara, ou seja, 900 hectares e foi confirmado o uso de agrotóxicos em todas estas propriedades e a grande maioria dos usuários ainda informou que queimava as embalagens ou as enterrava (SIPAM, 1996). O Ribeirão Santa Bárbara é utilizado como fonte de água do sistema de abastecimento do Município. É importante ressaltar que algumas substâncias presentes nos agrotóxicos permanecem intactas no solo ou em aquíferos por décadas ou mesmo séculos, podendo estas transformarem-se em produtos mais ou menos tóxicos que o produto original, ou persistência aumentada (Colin, C. 2002). Entretanto, a situação é ainda mais grave em relação à lavagem dos materiais e equipamentos empregados na aplicação desses produtos, uma vez que a maioria informou que as lavagens eram feitas nas proximidades das áreas de plantio ou nos próprios cursos d'água. Na situação atual, todos os produtores de café fazem uso de agrotóxicos e 100% desses usuários relataram que devolvem as embalagens ao

fornecedor. Com relação à classe de agrotóxicos empregados, os mais utilizados são os fungicidas (50%) quando comparado aos herbicidas (25%), inseticidas (19%) e acaricidas (6%). Os Agricultores recebem orientação sobre qual agrotóxico mais adequado. Além disso, observavam a faixa toxicológica nas embalagens dos produtos e utilizam a quantidade recomendada pelo agrônomo da Cooperativa, porém, nenhum dos entrevistados afirmou receber orientação ou fiscalização de órgãos públicos como prefeitura, IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) ou FEAM (Fundação Estadual do Meio Ambiente). Quanto a proteção individual, apenas 10% utilizam somente a máscara protetora, ou seja, utiliza parcialmente os EPIs .

Quanto à consciência sobre o risco ambiental, a maioria dos os agricultores acredita que o ambiente é o maior prejudicado. Embora 93% dos entrevistados relacionam agrotóxico com danos ao meio ambiente (incluindo a saúde humana e a fauna), é importante destacar que 7% ainda consideram que estes produtos não oferecem riscos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000.

INFORMATIVO EMATER-Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais, 2000.

Macedo, J.A.B. 2002. Introdução a Química Ambiental, Química & Meio Ambiente & Sociedade. 1ª edição. Editado pelo autor.

RELATÓRIO SIPAM (Sistema Integrado de Proteção aos Mananciais), Guaranésia-Ribeirão Santa Bárbara, 1996. Vol.1.